

## Um Estudo pelos Caminhos Foucaultianos: corpos negros contadores de histórias

*Un Estudio por los Caminos Foucaultianos: cuerpos negros contadores de  
historias*

**Raquel Silveira Rita Dias<sup>1</sup>**

**Paula Corrêa Henning<sup>2</sup>**

**Renata Lobato Schlee<sup>3</sup>**

**Virgínia Tavares Vieira<sup>4</sup>**

### Resumo

Trazemos a dança afro para análise e problematizações sobre ser negro no Brasil. A dança afro como potente artefato cultural e como possibilidade de deslocamento de algumas certezas construídas sobre a condição de ser negro no país. Desta forma temos como problema de pesquisa a seguinte inquietação: Como grupos de dança-afro a cidade de Pelotas contribuem na formação de sujeitos negros na atualidade? A partir desta discussão nos lançamos em Foucault pontuando a dança como “saber sujeitoado”, isto é, saberes que estão a nossa volta, que foram construídos há longa data, mas que são ocultados, desqualificados. Não entram na ordem do dizível, mas que podem apresentar-se como uma potente ferramenta para/de discussão. O caminho metodológico tem como cenário grupos de dança afro da cidade de Pelotas. Busca-se os estudos foucaultianos, porque não se acredita na história como se pudéssemos estabelecer uma origem, ou uma linha de continuidade que tem um fim específico. Onde a origem dos acontecimentos é justificada no passado. Desta forma a possibilidade de movimento e mudança ficam presas a razões primeiras, que já não constituem o palco do presente, metamorfoseados por práticas num tempo real de disputa de poder e de invenções. Consideramos o espaço da dança afro na cidade de Pelotas como uma possibilidade de investigação que poderá permitir encontrar elementos acerca das relações de poder, resistência e de verdade na luta anti-racista.

Palavras-chave: Contemporaneidade, Dança, Racismo, Sujeitos.

### Resumen

*Traemos la danza afro para análisis y problematizaciones sobre ser negro en Brasil. La danza afro como potente artefacto cultural y como posibilidad de desplazamiento de algunas certezas construidas sobre la condición de ser negro en el país. De esta forma tenemos como problema de investigación la siguiente inquietud: ¿Cómo grupos de danza-afro la ciudad de Pelotas contribuyen en la formación de sujetos negros en la actualidad? A partir de esta discusión nos lanzamos en Foucault puntuando la danza como "saber sujetado",*

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação / UFPel; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. / FURG. Rio Grande / RS / Brasil. rakssilveira@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação; Professora Adjunta dos Programas de Pós-Graduação em Educação Ambiental e Educação em Ciências. FURG; Rio Grande / RS / Brasil. paula.c.henning@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestra em Educação / UFPel. Doutoranda em Educação Ambiental / FURG. Rio Grande / RS / Brasil. renataschlee@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutora em Educação Ambiental / FURG. Rio Grande / RS / Brasil. vi\_violao@gmail.com.

*es decir, saber que están a nuestro alrededor, que fueron construidos hace mucho tiempo, pero que son ocultados, descalificados. No entran en el orden de lo decente, pero que pueden presentarse como una potente herramienta para / de discusión. El camino metodológico tiene como escenario grupos de danza afro de la ciudad de Pelotas. Se busca los estudios foucaultianos, porque no se cree en la historia como si pudiéramos establecer un origen, o una línea de continuidad que tiene un fin específico. Donde el origen de los acontecimientos está justificado en el pasado. De esta forma la posibilidad de movimiento y cambio quedan atrapadas por razones primeras, que ya no constituyen el escenario del presente, metamorfoseadas por prácticas en un tiempo real de disputa de poder y de invenciones. Consideramos el espacio de la danza afro en la ciudad de Pelotas como una posibilidad de investigación que podrá permitir encontrar elementos acerca de las relaciones de poder, resistencia y de verdad en la lucha antirracista*

*Palabras claves: Contemporaneidad, Danza, Racismo, Sujetos.*

## 1. Introdução

Problematizar as construções sobre ser negro no Brasil apresenta-se como um dos pontos cruciais desta proposta de doutoramento, e para isto, trago em análise, a dança afro. A compreensão da dança afro como um potente artefato cultural, para discutir o racismo na contemporaneidade. A dança como possibilidade de deslocamento de algumas certezas construídas sobre a condição de ser negro no país. A ciência no auge de sua criticidade legitimou o racismo sobre o negro e arrastou com ela uma parte significativa dos cientistas da época.

Tudo indica que o racismo foi inaugurado no século XIX, mas seus fundamentos lançados no século XVIII. No século XIX, a teoria da distinção racial pautada na biologia, fortalecida, deu o estatuto final à teoria de que a natureza forja alguns indivíduos ao comando e outros à obediência. A obediência identificada com a raça negra (SANTOS, 2002, p. 53).

A partir desta discussão nos lançamos em Foucault (2005, p. 11) pontuando a dança como “saber sujeitado”, isto é, saberes que estão a nossa volta, que foram construídos há longa data, mas que são ocultados, desqualificados, por vezes, não entram na ordem do dizível, mas que podem apresentar-se como uma potente ferramenta para/de discussão.

Discutir essas construções sobre o ser negro apresenta-se como um dos pontos cruciais deste estudo, pois através da discussão sobre a dança-afro, torna-se possível deslocar algumas certezas construídas sobre a condição de ser negro no país e os olhares que se construiu, em consequência disso, para a dança afro e suas manifestações. É nessa passada que se torna possível verificar as condições de emergência desse artefato cultural que faz parte da constituição do negro no Brasil.

## 2. Corpos Negros Contadores De Histórias

O envolvimento com a dança afro, como experiência de movimento e manifestação corporal no Rio Grande do Sul, é falar do corpo negro (etnia negra) em seu cotidiano e pensar nossas velhas e novas histórias, a de trabalhadores escravizados inicialmente vindos do continente Africano, vivendo a diáspora, em região de clima frio. E também da condição pós-abolição da escravatura, marcada pela intensa imigração alemã e italiana.

No movimento da diáspora africana e nos movimentos da dança afro, estão presentes lutas, formas de resistências, religiosidade, saberes e fazeres que constituem a história dos

afros rio-grandenses, fazendo em forma de movimento, a história do Rio Grande do Sul.

É envolta pela potencialidade da dança afro e todos os artefatos culturais que nela estão imbricados que emergem alguns questionamentos frente a representatividade desse artefato nos dias atuais na cidade de Pelotas/ Rio Grande do Sul: Qual a trajetória e a representatividade dos grupos de dança afro na cidade de Pelotas/RS? Quais os locais de emergência da dança-afro na cidade de Pelotas/RS?

Não há mais lugar para pensar a étnica negra de maneira simplista, sem inter-relações. É através dessas inter-relações que se torna possível pensar na dança afro como um saber sujeito, que desloca certezas e produz outras verdades no pensar a questão étnica negra na contemporaneidade, destacando outras facetas sobre o negro que ainda insistem em ser silenciadas, não entrando na ordem discursiva do que se entende por verdadeiro neste tempo.

Busco para elucidar minhas ideias a metodologia antirracista (DEI, 2008). Não é possível simplesmente acabar com o problema de uma forma simplista e pragmática, não há uma regra correta e sim um conjunto de ações que envolva uma articulação coletiva da sociedade e a pesquisa antirracista é uma delas. Nesse sentido, vale destacar:

[...] o que importa é entendermos como chegamos a ser o que somos e, a partir daí, contestarmos aquilo que somos. Se a sociedade é atravessada por relações de poder entre sujeitos livres, há possibilidade de resistência, de contestação e de transformação, o que possibilita deslocar certezas e questionar verdades (HENNING; HENNING, 2012, p. 12).

Considero o espaço da dança afro na cidade de Pelotas como uma possibilidade de investigação que poderá me permite encontrar elementos acerca das relações de poder, resistência e de verdade na luta anti-racista. E aqui, mais uma vez, cabe lembrar Foucault (1997, p. 91) “[...] lá onde há poder há resistência [...]”.

Assim, podemos romper com a lógica determinista, onde a idéia de dominação e vitimização consolidaram algumas verdades sobre a etnia negra se perpetuando na história. Esse olhar ortodoxo torna-se muitas vezes responsável por inúmeras exclusões e pelo silenciamento de saberes outros, não melhores ou piores, mas outros.

Deve-se então, reconhecer as estratégias de cada momento de forma não ortodoxa, isto é, aqui não há lugar para o sagrado, o não contaminado e puro, pois somos parte dessa mesma história que foi construída por elementos que diferem, estranham-se entre diferenças de tempo, espaço e história. Como o anunciado da seguinte forma:

Talvez, o mais evidente dos problemas filosóficos seja a questão do tempo presente e daquilo que somos neste exato momento. Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno. (RABINOW e DREYFUS, 1995, p.239).

Compreendo que os estudos foucaultianos permitem não reproduzir e naturalizar os fatos históricos referentes a etnia negra, mas evidenciar as articulações e os jogos de poder para chegarmos a sermos aquilo que somos, como Foucault (1979) nos ajuda a pensar. É no palco, no jogo, no reconhecimento ou na ausência deste, que se constrói as inúmeras posições de sujeito, já que somos idiossincráticos.

### 3. Metodologia

O caminho metodológico terá como cenário dois grupos de dança-afro da cidade de Pelotas. Pretende-se fazer pesquisa documental a partir do acervo dos grupos e busca em jornais. Além da referida pesquisa, utilizaremos a técnica de grupo focal (GONDIM, 2003) para as entrevistas com integrantes bailarinos. A possibilidade de envolver a dança afro como potente artefato para pesquisa dá-se por perceber que as trajetórias dos grupos de dança na cidade de Pelotas, articulados com as experiências de pertencimento e de posição e formação de sujeitos em espaços educativos não escolares, são territórios ainda pouco explorados.

Desta forma tenho como problema de pesquisa a seguinte inquietação: Como grupos de dança-afro a cidade de Pelotas contribuem na formação de sujeitos negros na atualidade? Nesta proposta de doutoramento, busca-se os estudos foucaultianos, porque não se acredita na história como se pudéssemos estabelecer uma origem, ou uma linha de continuidade que tem um fim específico. Onde a origem dos acontecimentos é justificada no passado. Desta forma a possibilidade de movimento e mudança ficam presas a razões primeiras, que já não constituem o palco do presente, metamorfoseados por práticas num tempo real de disputa de poder e de invenções.”

### 4. Resultados E Discussão

Este trabalho encontra-se em fase inicial não havendo ainda resultados para discussão. No momento realizamos o levantamento bibliográfico, como próxima etapa faremos a coleta de dados.

### 5. Conclusões

A dança afro apresenta-se como um potente artefato cultural para embasar essa discussão, tendo como foco de pesquisa a cidade de Pelotas, onde a população negra atinge percentual significativo de habitantes e mesmo com isto, o produzido por essa população, quando não atinge o “status” de ciência, resta invisibilizado, “desqualificado”, ou nas palavras de Foucault, um “saber sujeitado”.

### Referências

DEI, George J. Sefa. Questões críticas nas metodologias de investigação antirracista. Uma introdução. In.: DEI, George J. Sefa; JOHAL, Duerpreet Singh (org). **Metodologias de investigação Anti-racistas: questões críticas**. Portugal: Edições pedagogo: 2008. p-p: 9-44.

DREYFUS, Hubert I.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória Filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal: 1997.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.  
HENNING, Clarissa Corrêa; HENNING, Paula Corrêa. Sobre verdades inventadas e mentiras potentes: práticas de si como espaço de resistência. *In.*: HENNING, Paula (org.). **Cultura, ambiente e sociedade**. Rio Grande: Universidade Federal de Rio Grande, 2012. p. 9-32.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como Técnica de investigação qualitativa: Desafios Metodológicos**. 2003. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>. Acessado em: 08 de novembro de 2015.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”: um percurso das ideias que naturalizaram a ideia dos negros**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2011.